

4. Abordagens da Linguística e o Campo Etnográfico

Os estudos sobre construções identitárias se prestam particularmente a uma hibridização teórica e metodológica. Como observa Neumann na obra canônica da Linguística *Queer, Queerly Phrased*,

A identidade não acontece em um vácuo cultural e então não pode ser analisada simplesmente em termos linguísticos; é criada em relação às comunidades e culturas das quais a/[o] falante se sente parte, como vê sua posição no mundo, e como percebe o lugar do mundo na sua vida. Uma abordagem interdisciplinar que combina linguística, antropologia e sociologia é, portanto, necessária para qualquer análise das construções identitárias em narrativas. (1997: 280)

Na esteira de Neumann, a presente pesquisa, sobre a construção identitária performativo-discursiva em narrativas de ativistas LGBT que se identificam como bissexuais, combina os campos da Linguística Aplicada, Linguística *Queer* e Antropologia, e incorpora contextualizações etnográfico-históricas. Este capítulo se concentrará sobre esta hibridização e o campo etnográfico realizado com o Grupo Arco-Íris (GAI), a associação de ativismo LGBT da qual participam as três agentes¹ entrevistadas: “Olímpia”, “Nádia” e “Flávia”.

A contextualização histórica e a descrição etnográfica do Grupo Arco-Íris são importantes por duas razões principais. Primeiro, porque servem para melhor entender as co-construções identitárias das agentes nas entrevistas individuais comigo – dado que nos conhecemos no grupo, e geralmente nos vemos durante atividades a ele relacionadas; o GAI, assim, tem um papel importante ou até central na nossa relação. Segundo, porque para o aspecto aplicado desta pesquisa de fomentar a aceitação das pessoas que se identificam como bissexuais, é importante entender a evolução do grupo para propor considerações, estratégias e atividades a ele úteis.

Começarei com uma discussão da Linguística Aplicada *transdisciplinar* (Moita Lopes 1998; Signorini 1998), esclarecendo os fins de ação política e os compromissos éticos desta pesquisa: melhorar a visibilidade e combater as discriminações contra as pessoas que se identificam como bissexuais no Grupo Arco-Íris, mantendo um diálogo aberto com os membros do grupo para fazer pesquisa *com* e não somente *sobre* eles (ver Moita Lopes 1998). É por causa da imbricação entre vários campos, abordagens e teorias (ver também Capítulo 2),

¹ Prefiro usar “agente” em vez de “participante”, “informante”, “sujeito”, etc. para sublinhar a capacidade de ação (agentividade, agência ou *agency*) da pessoa entrevistada.

os fins de ação política, esse compromisso ético e a geração de dados no contexto da aplicação, que considero esta pesquisa como *transdisciplinar*. Segundo, discutirei a Linguística *Queer*, que analisa como os indivíduos constroem performativo-discursivamente as identidades de gênero, sexo e sexualidade, e as *Táticas de Intersubjetividade* (Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005), uma ferramenta teórica-analítica não essencialista útil para entender tais construções identitárias. Terceiro, discutirei a Análise das Narrativas, concentrando-me sobre a relação entre as narrativas e as performances identitárias, a estrutura das narrativas e o processo de sair do armário² e as narrativas sobre este processo. Quarto, descreverei o campo etnográfico realizado com o GAI, incluindo a geração dos dados etnográficos e linguísticos, a caracterização da associação e do subgrupo Laços e Acasos e uma breve discussão da história do desenvolvimento do grupo concentrada nas raízes históricas da exclusão de certas identidades. Na última seção, discutirei as entrevistas principais, explicando a metodologia de entrevistas narrativas e caracterizando as agentes entrevistadas e a situação particular de cada entrevista. É importante notar que a divisão entre o presente capítulo, que se concentra sobre as abordagens linguísticas e a etnografia, e o capítulo anterior, que se concentra sobre as abordagens da Teoria *Queer* e das Epistemologias Bissexuais, foi realizada somente para facilitar a leitura; os fundamentos teórico-metodológicos mencionados em ambos os capítulos estão sempre imbricados nesta pesquisa.

4.1 Linguística Aplicada transdisciplinar com fins de ação política e compromissos éticos

Fabício (2006) nota que o “momento contemporâneo” está caracterizado por dinâmicas como a transnacionalização das dimensões políticas e econômicas, a compressão do tempo e do espaço, a mestiçagem de discursos e práticas, novos itinerários de subjetivação, a desvalorização de compromissos comuns e o declínio e despolitização do espaço público, e “está em operação um campo de forças plurais que entrelaça uma série de novos significados, modos de produção de sentido, práticas, técnicas, instituições, procedimentos de subjetivação e

² Como veremos detalhadamente na seção 4.3.3, me alinho com Sedgwick (1990) e Liang (1997) ao considerar o “sair do armário” como um processo performativo que não revela uma identidade que é uma expressão de uma essência, mas (re)cria a identidade homossexual, bissexual, etc. que descreve e nomeia.

explicações causais simplistas a respeito dos fenômenos sociais” (2006: 47). Embora seja impossível incluir considerações de *todas* as complexidades das dinâmicas micro e macro de certa situação, como, por exemplo, aquela do GAI, uma Linguística Aplicada *transdisciplinar* pelo menos se põe em uma posição capaz de melhor entender várias delas.

Segundo Inês Signorini, tal Linguística Aplicada transdisciplinar “tem se configurado também, e cada vez mais, como uma espécie de interface que avança por zonas fronteiriças de diferentes disciplinas” (1998: 89), constituindo

uma área feita de margens, de zonas limítrofes e bifurcações, onde se tornam móveis as linhas de partilha dos campos disciplinares e são deslocados, reinscritos, reconfigurados, os constructos tomados de diferentes tradições e áreas do conhecimento. (1998: 89-90)

Essa amplificação não significa, porém, “voltar ao generalista do passado” (Bastos e Moita Lopes 2011: 14); é uma articulação de certos conhecimentos e campos de saber pertinentes e cuidadosamente escolhidos.

Quero destacar três vantagens da transdisciplinariedade em geral e nesta investigação em particular. Primeiro, como já foi mencionado, uma aproximação transdisciplinar nos oferece o potencial de entender mais profundamente as complexidades e dinâmicas múltiplas inextricavelmente imbricadas dos fenômenos sócio-culturais. Segundo, uma

exposição à multiplicidade leva a um distanciamento tremendamente salutar do/[a] pesquisador[a] em relação ao seu próprio universo de referência, contribuindo para a não reprodução, no âmbito específico da disciplina, de uma certa ordem institucionalizada de posições, crenças e valores hierarquizados. (Signorini 1998: 97)

Em outras palavras, uma perspectiva transdisciplinar nos ajuda a não reproduzir padrões e lógicas velhas, limitadoras e hierarquizadas (como vimos no Capítulo 3 com respeito ao ocidentalismo). Para mim, em relação a esta pesquisa, dada a minha formação antropológico-linguística, a perspectiva histórica sobre as mudanças nas visões das (bi)sexualidades e as raízes da exclusão de certas performances identitárias na evolução do Grupo Arco-Íris me tem levado a novos descobrimentos. Terceiro, como observa Signorini, “os percursos transdisciplinares são catalisadores poderosos que incrementam [o] processo de deslocamento e reconfiguração no campo epistemológico” (1998: 90); ou seja, quanto mais transdisciplinar um estudo for, mais poder transformador terá.

Esse poder de transformação, porém, não se limita ao campo teórico; pode se estender à prática para realizar transformações políticas. Moita Lopes sublinha que “fazer pesquisa no contexto aplicado, principalmente, precisa ser re-

teorizado como fazer política” (2009a: 36). O autor defende uma Linguística Aplicada orientada para a ação política que gera “conhecimento útil para um[/a] participante do mundo social” cujos “interesses e perspectivas são considerados na investigação” (1998: 106) e que tem o objetivo de realizar “[a] construção de alternativas para o presente” (2009a: 34), particularmente para o presente das vozes que estão à margem: pessoas de classe social baixa, negras e indígenas, homossexuais, bissexuais e transexuais, etc. (ver Moita Lopes 2002, 2006). Como vimos na Introdução (Capítulo 1), um dos objetivos, além de dar mais visibilidade às pessoas que se identificam como bissexuais e preencher em parte as lacunas nas ciências sociais sobre as suas construções identitárias, é de usar os frutos das investigações teóricas e análises desta pesquisa para propor estratégias para mudar a situação marginalizada dos/as ativistas que se identificam como bissexuais no Grupo Arco-Íris (e talvez em outros movimentos LGBT também). Destarte, a relação entre teoria e prática não é unidirecional; como explica Moita Lopes, na Linguística Aplicada,

a teoria informa a prática e a prática informa a teoria. A teoria que se quer é formulada interdisciplinarmente mas é modificada pela prática. Para se formular conhecimento que tenha efeito no mundo social, ele tem que ser informado pela prática social onde as pessoas agem. É, em última análise, gerado no contexto de aplicação. (1998: 110)

Portanto, uma aproximação transdisciplinar tem ainda mais poder transformador quando inclui uma participação no campo etnográfico com os/as agentes e suas práticas sociais situadas e quando há uma relação recíproca entre teoria e prática.

Essa relação mostra a importância não somente do vínculo entre teoria e prática, mas também entre elas e a ética: “Não devemos almejar o saber pelo saber, ou a invenção pela invenção, deslocados de compromissos éticos” (Fabrício 2006: 62). A noção de “ética negativa” de Couze Venn (2000) é útil para pensar o papel da ética nessa relação ético-teórico-prática. Segundo Venn, uma ética negativa é uma

Ideia regulatória, uma ética não-normativa e não-prescritiva que transmuta noções de estar-com e de responsabilidade pelo outro no princípio de respeito pelo tempo do outro e do reconhecimento do outro. Desenvolve a ideia de que o estar-no-mundo implica um eu corporificado ligado a outras pessoas concretas e ao mundo [material no qual eles vivem]. (2000: 11)

De modo semelhante à maneira na qual Venn frisa a importância de respeitar, reconhecer e conviver com outras pessoas, Moita Lopes observa a importância de “interesse e respeito pela voz do outro, isto é, por ouvir o que o outro está dizendo com a finalidade de analisar como suas ideais se coadunam com as

perspectivas que se tenha” (1998: 104). Nesta pesquisa foi importante escutar deste modo, deixando as agentes entrevistadas contarem o que era importante para elas e o que é necessário mudar na opinião delas. Rajagopalan lembra que a questão ética para uma pesquisa não deve ser “Como falar em nome de outro e com que autoridade?” (2003: 21), pressupondo que o/a linguista deve ajudar os/as leigos/as porque é detentor/a de um conhecimento específico, mas “Como propor alternativas em diálogo com os/as participantes da pesquisa?”, evitando provocar-lhes sofrimento através da imposição de “soluções” que não dão conta das suas preocupações, seus conhecimentos situados, etc.

Como foi mencionado na Introdução (Capítulo 1), esta pesquisa pretende se desenvolver em um projeto maior doutoral, no qual os resultados da dissertação serão trazidos de volta aos/às ativistas que participam da pesquisa para serem discutidos, com o objetivo de usá-los para propor estratégias e atividades (grupos de discussão, formações, oficinas, etc.) que possam ser realizadas dentro dos grupos LGBT para fomentar a aceitação da bissexualidade e da diversidade sexual em geral. Destarte, em adição ao interesse e respeito pelas vozes das agentes durante as entrevistas, será igualmente importante mostrar a análise desta dissertação a elas e aos outros membros do Grupo Arco-Íris, para entrar em diálogo com eles/as, considerando seus interesses e suas perspectivas e eventualmente modificando a investigação e a análise a partir desses diálogos. Assim, poderemos criar juntos/as propostas para ação política baseadas nessa análise e nesses diálogos. Esse compromisso foi explicado às agentes cujas narrativas são analisadas aqui antes de realizar as entrevistas. Seguindo Moita Lopes, “a distinção aqui é entre pesquisa *sobre* alguém (agentes sociais como receptores de pesquisa) e pesquisa *com* alguém (agentes sociais como produtores de pesquisa)” (1998: 112, grifos meus). Fazer investigação com os/as agentes será uma parte vital da evolução desta pesquisa e sua transdisciplinariedade; enquanto isso, as investigações teóricas e as análises da presente pesquisa fazem parte de um passo fundamental.

4.2 Linguística Queer

Ao longo dos anos, a Teoria *Queer* tem se expandido e tem sido aplicada a múltiplas disciplinas incluindo, recentemente, a Linguística. Dadas as considerações sobre o poder da linguagem e do discurso que discutimos no

Capítulo 3, se pode dizer que a teoria *queer* sempre teve uma forte base linguística. O campo específico da Linguística *Queer*, porém, foi inaugurado depois da segunda metade dos anos 90 com a publicação do livro *Queerly Phrased*, organizado por Ana Livia e Kira Hall (1997). Vamos examinar brevemente o estado dos estudos da linguagem sobre gênero e sexualidade antes e na época da inauguração da Linguística *Queer*, seguido por uma discussão de como a Teoria *Queer* tem sido aplicada à Linguística.

4.2.1 Estudos da Linguagem, Gênero e Sexualidade

Como observam Livia e Hall na introdução de *Queerly Phrased* (1997), antes da segunda metade dos anos 1990, os poucos estudos sobre lingua(gem) e “orientação sexual” geralmente falavam somente do léxico empregado por pessoas identificando-se como homossexuais. Vários glossários de palavras, frases e gíria homossexuais foram publicados, a maioria dos quais se concentravam sobre a fala de homens brancos homossexuais (ver Cory e Leroy 1963; Strait and Associates 1964; Rodgers 1972; Farrell 1972). Depois, alguns/mas autores/as se interessaram por outros aspectos semânticos, retóricos e comunicativos da “linguagem gay e lésbica”, incluindo alternâncias de código, insultos, a “fala homossexual”, fenômenos paralinguísticos e padrões de ênfase (ver os artigos de Lumby 1976; Murray 1979; Chesebro 1981; Webbink 1981; e Moonwomon 1985, respectivamente).

Desde a segunda metade dos anos 1990, porém, vários/as autores/as começaram a preencher as lacunas na literatura prévia, investigando não somente a linguagem usada por pessoas performando certas identidades, mas a construção dessas identidades *através* da linguagem. Como frisa Queen (2002), um trabalho de Linguística sobre a fala de sujeitos “*queer*” (como os trabalhos mencionados no parágrafo anterior) não é necessariamente um trabalho de Linguística *Queer*; para ser considerado assim, deve partir da visão da Teoria *Queer* (ver 2002). Considera-se que o campo da Linguística *Queer* foi oficialmente inaugurado com a publicação do livro *Queerly Phrased: Language, Gender, and Sexuality* em 1997, organizado por Anna Livia e Kira Hall. O livro é composto por 25 artigos escritos por vários/as autores/as que examinam como as identidades sexuais são construídas discursivamente, partindo da teoria da *performatividade de gênero* de Judith Butler (ver seção 3.1.1). Os artigos se concentram sobre as identidades de

pessoas que se identificam como gays e lésbicas; há um só artigo que se concentra sobre a bissexualidade, e poucas menções à bissexualidade nos outros 24 artigos. Outros livros importantes da Linguística *Queer* que seguiram também contêm só algumas menções breves sobre pessoas que se identificam como bissexuais, sem analisarem explicitamente os discursos e a linguagem usados por elas (ver Campbell-Kibler, et. al. 2002; Leap e Boellstorff 2004).

4.2.2 Aplicação da Teoria *Queer* à Linguística

Como mencionamos, a Teoria *Queer* foi aplicada à Linguística em meados dos anos 1990, mudando o foco dos estudos da linguagem sobre gênero e sexualidade desde a identificação do léxico e dos aspectos semânticos na linguagem de pessoas que se identificam como homossexuais, para considerações sobre a construção discursivo-performativa das identidades na linguagem. Trouxe também um olhar mais crítico e desconstrutivo sobre os discursos sobre (identidades de) gênero e sexualidade, as relações de poder entre eles e os efeitos dessas relações. Borba caracteriza a *queerificação* da Linguística da seguinte maneira:

Quer-se, ao cravejar os estudos lingüísticos com ideais *queer*, criar inteligibilidades sobre como construímos, negociamos e estruturamos nossas identidades dentro de sociedades heteronormativas que impõem determinadas maneiras de ser *aprioristicamente*. (2006: s.n., ênfase no texto fonte)

Portanto, a Linguística *Queer* analisa como os indivíduos constroem performativo-discursivamente as identidades, particularmente as de gênero, sexo e sexualidade, e negociam ideologias locais e/ou globais e essas performances identitárias discursivas. Assim, examina as falas sobre sexualidade e gênero sem esquecer o papel dos discursos sociais heteronormativos dominantes e a importância de não reduzir os/as agentes a sujeitos de pesquisa brancos, heterossexuais, de classe média, cristãos e ocidentais (ver Livia 2002; Borba 2006). Borba observa que “O objetivo principal da L[inguística] Q[ueer] é investigar como indivíduos considerados não-normativos negociam suas identidades dentro das limitações discursivas da heteronormatividade ao repeti-la ou subvertê-la através de suas performances lingüísticas” (2006: s.n.). Embora se concentre frequentemente sobre performances discursivas de sexo, gênero e sexualidade, de modo parecido à Teoria *Queer*, a Linguística *Queer* pode ser aplicada a estudos da (não-)normatização de outros temas, como performances

linguísticas ligadas a questões (identitárias) de raça, etnia, classe social, religião, etc. (ver Barrett 2002; Kulick 2002).

Para Hall, a Linguística *Queer*, à diferença da Teoria *Queer* “pura”, tenta “colocar os estudos de gênero e sexualidade em um chão mais firme dentro de comunidades de prática localizadas” (2005: 140). Porém, em consonância com a proposta *queer* de fugir de definições rígidas e prescritivas, a Linguística *Queer* não possui uma metodologia fixa própria. Contudo, o/a pesquisador/a que trabalha com temas de gênero e sexualidade é encorajado/a a incorporar várias abordagens teóricas e metodológicas para criar uma abordagem híbrida adequada ao objeto de estudo (ver Harrington, et. al. 2008). Sunderland e Litosseliti asseveram que “os estudos de gênero [e sexualidade] e linguagem só podem *se beneficiar* do acesso a [uma] gama de abordagens” e frisam que o que é importante não é perguntar-se qual abordagem seria mais apropriada, mas pensá-la como uma questão de “adição de valor”, considerando as vantagens e as limitações de cada abordagem (2008: 12, grifos no texto fonte). Adicionalmente, Borba sugere que a Linguística *Queer* pode beneficiar de estudos etnográficos que analisam as performances locais dos indivíduos, e que “É na interseção entre o micro e o macro que a prática linguística deve ser analisada para investigar as limitações heteronormativas (e as possíveis subversões dessas limitações)” (2006: s.n.). Leap (2008) frisa a importância de tal interseção micro-macro nos estudos de Linguística *Queer*, sugerindo uma análise atenta do próprio texto, considerações sobre a trajetória de vida e as possíveis intenções do/a falante, e reflexões sócio-históricas que vão além do texto.

4.2.3 Táticas de intersubjetividade

Como podemos analisar concretamente a construção discursiva das identidades sem cair na armadilha de fazê-las parecer fixas e expressões de uma essência? Depois da introdução de *Queerly Phrased*, intitulada “It’s a Girl!” Bringing Performativity Back to Linguistics” de Livia e Hall (1997)³ e um breve artigo de antropologia linguística chamado “Performativity” de Hall (2000), Mary Bucholtz e Kira Hall aprofundaram as ideias sobre a performatividade linguística e a construção identitária discursiva em três artigos: “Language and

³ Tradução em português, ““É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística” disponível em Ostermann e Fontana (2010).

Identity” (2003), “Theorizing identity in language and sexuality research” (2004) e “Identity and Interaction: A Sociocultural Linguistic Approach” (2005). Os três artigos refutam as abordagens essencialistas que consideravam a identidade uma propriedade estática e pré-determinada biológica, genética ou culturalmente, abordando-a como um processo sócio-político dinâmico. Nesses artigos, Bucholtz e Hall propõem um conjunto de *táticas de intersubjetividade* (coletivamente chamadas o *princípio de relacionalidade* no artigo de 2005), uma ferramenta teórico-analítica útil para entender os mecanismos discursivos e performativos através dos quais são criadas as identidades, sem essencializar essas performances identitárias. As táticas foram propostas no campo de Antropologia Linguística em 2003 e relacionadas explicitamente à Linguística *Queer* no artigo de 2004. Adicionalmente, vários/as outros/as pesquisadores/as trabalhando na Linguística *Queer* têm notado a utilidade de aplicá-las neste campo (ver, por exemplo, Morrish e Sauntson 2007; Sauntson 2008). No artigo “The Contributions of Queer Theory to Gender and Language Research”, Sauntson observa que o arcabouço das táticas de intersubjetividade

possibilita uma aplicação do objetivo principal da teoria queer, de desvelar as maneiras nas quais a heterossexualidade é naturalizada e como outras formas de identidade sexual são ‘*queerificadas*’. O arcabouço realiza isso sem dispensar das noções de identidade, mas reconhece que a construção identitária é intersubjetiva, contextual e nunca completa. (2008: 282)

O conjunto das táticas de intersubjetividade serve para o/a pesquisador/a no campo da Linguística *Queer* examinar como a identidade é co-construída performativamente nas interações através de recursos simbólicos como a linguagem. Esse conjunto é composto de três pares de táticas: *adequação* e *distinção*, *autenticação* e *desnaturalização* e *autorização* e *deslegitimação*.

A *adequação* é a tática de deixar de lado as diferenças e acrescentar as semelhanças. Este posicionamento discursivo de alguns indivíduos ou grupos como semelhantes funciona para que sejam entendidos como “suficientemente parecidos” para realizar juntos certos objetivos interacionais. Essa tática é usada frequentemente como a base de organização política e/ou ativismo e para processos de essencialismo estratégico (ver seção 3.2.3). A *distinção* é a tática contrária, de acrescentar as diferenças e suprimir as semelhanças. Ou seja, a supressão de semelhanças permite a construção da diferença e da alteridade. Isso

tende a resultar na redução da variabilidade social complexa a um binário simples de “nós-contra-os-outros” (ver Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005).

A tática de *autenticação* exige a construção de uma identidade acreditável, “real” ou “genuína”. Dizer que uma performance identitária é *autenticada*, ou seja, construída como “real” ou “verdadeira”, é diferente que sugerir que seja de fato *autêntica*, um termo ligado à visão essencialista e a suposta existência de identidades “reais”. Como observam Bucholtz e Hall, nesta pesquisa “chamamos a atenção à autenticidade não como uma essência inerente, mas à autenticação como um processo social realizado no discurso” (2005: 601). Por outro lado, a *desnaturalização* é a produção intencional de uma identidade inacreditável, “irreal” ou “não-genuína” (ver Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005). Isso acontece frequentemente em *performances* teatrais ou quando pessoas que se identificam como lésbicas, gays, bissexuais, etc. não querem visibilizar essa identificação e “ficam no armário”, *passando*⁴ por pessoas que se identificam como heterossexuais (ou *passando* por pessoas que identificam como homossexuais, como veremos no caso de indivíduos que não querem “sair do armário” como bissexuais nos âmbitos LGBT). Como no caso da diferença entre *autenticação* e *autenticidade*, há uma diferença entre *desnaturalização* e *desnaturalidade*. Dado que vemos a identidade sempre como uma performance e não como uma expressão de uma essência inata, não podemos dizer que uma performance de gay assumido seja de fato mais real que uma performance de *passar* por heterossexual. Dizer que essa segunda performance é *desnaturalizada* e “não-genuína” só frisa a influência da regulação social heteronormativizante nas performances identitárias que fazemos.

Finalmente, a *autorização* é a legitimação de uma identidade através de uma instituição ou autoridade e suas estruturas de poder e ideologias, dando certo grau de reconhecimento ao sujeito. A *deslegitimação* acontece, inversamente, quando uma autoridade é usada para eliminar ou negar a legitimidade de uma identidade, e então, o seu poder, marginalizando e/ou censurando o sujeito (ver Bucholtz e Hall 2003, 2004, 2005). Embora Bucholtz e Hall tendam a mencionar autoridades e instituições mais padronizadas como o Estado, o discurso médico

⁴ “Passar por” vem do conceito em inglês de *passing*, quando uma pessoa que se identifica como, ou é considerada por outras pessoas como, membro de certa categoria de sexo, gênero, orientação sexual, etnia, classe social, etc. faz uma *performance* discursiva e/ou física para ser vista como membro de outra categoria (ver Tyler 1997).

ou jurídico, etc. nesta pesquisa sigo Morrish e Sauntson (2007) em aplicar uma definição mais abrangente do que pode ser usada para *autorizar* ou *deslegitimar* uma performance identitária, incluindo experiências de vida, sentimentos, etc.

É importante lembrar que embora as táticas possam ser aplicadas intencionalmente, por exemplo, como estratégias políticas de grupos querendo criar uma certa imagem de identidade coletiva, geralmente são empregadas “inconscientemente” nas co-construções identitárias. As táticas podem ser empregadas individualmente ou em combinação (Bucholtz e Hall 2004). Adicionalmente, é importante frisar que a ferramenta analítica das táticas de intersubjetividade pode ser aplicada à Análise das Narrativas porque, como veremos na próxima seção, cada narrativa é sempre co-construída e intersubjetiva – o/a narrador/a está sempre fazendo um “pequeno show” para alguém, embora tenha turnos maiores e às vezes o/a ouvinte fale pouco.

Em 2007, Morrish e Sauntson decidiram aplicar as táticas de intersubjetividade propostas por Bucholtz e Hall exclusivamente à construção identitária de pessoas que se identificam como homossexuais na linguagem e interação. Seu livro *New Perspectives on Language and Sexual Identity* vai além de usar exemplos como simples ilustrações como no caso dos artigos de Bucholtz e Hall de 2004 e 2005. Morrish e Sauntson aplicam as táticas a uma quantidade ampla de dados e as utilizam como um dos instrumentos de análise principais. Contudo, embora o livro mencione algumas vezes as pessoas que se identificam como bissexuais, as autoras concentram suas análises sobre as pessoas que se identificam como mulheres lésbicas. O presente trabalho visa a preencher essa lacuna.

4.3 Análise das Narrativas

4.3.1 Narrativas, identidades e performances

A narrativa é “um pequeno show do[a] falante, que envolve e emociona o[a] ouvinte, e não um simples relatório de um evento” (Bastos 2008: 77). Esses “pequenos shows” são produtos sócio-histórico-culturalmente situados. Estão relacionados às experiências de vida do/a narrador/a, mas não são “transportadores transparentes” (Lawler 2002: 242) dessas experiências; as narrativas “são dispositivos interpretativos através dos quais as pessoas realizam performances identitárias para si mesmas e para outras pessoas” (*ibid*). Estas

representações mudam dependendo de como o/a narrador/a quer ser visto/a em um certo contexto. Em relação ao contexto, Pereira e Cortez observam:

A noção de contexto, nesta perspectiva, é importante, em sua relação com as situações interacionais e as práticas discursivas e sociais. A ênfase se dá não apenas nos aspectos de contextualização da narrativa, mas em como a narrativa é moldada e também molda processos socioculturais mais amplos, assim como os situacionais, com relações entre a ordem micro e macro. Neste sentido, o contexto não é estático, como um ‘quadro’ circundante, mas sim dinâmico, com processos múltiplos que se entrecruzam, alimentando a fala-em-interação. (Pereira e Cortez 2011: 81)

Deste modo, as narrativas são um “lócus privilegiado de compreensão da relação entre discurso, identidade e sociedade, pois as formas narrativas de (re)construção da experiência organizam nossas ações, nossa percepção de mundo e nossas ficções identitárias” (Fabrício e Bastos 2009: 41-42). Essas “ficções identitárias”, em uma perspectiva *queer*, são chamadas de *performances*; as narrativas são usadas para performar e projetar certas identidades sociais. Ao contar narrativas, não somente performamos e comunicamos o nosso sentido do “eu” a outras pessoas, também o negociamos com elas.

Assim, *performance narrativa* se refere a um lugar de luta para identidades pessoais e sociais, em vez de aos atos de um self com uma essência fixa, unificada, estável ou final que serve como a origem ou realização das experiências [...]. Desde o ponto de vista de performance e performatividade, a análise das narrativas não é somente semântica, engajando-se na interpretação de significados, mas também deve ser pragmática: analisando a luta sobre os significados e as condições e as consequências de contar uma história em uma maneira particular [...] A identidade é uma luta performativa. (Langellier 2001: 151)

É particularmente interessante estudar tais “lutas” narrativo-identitárias no caso de performances identitárias não normativas e estigmatizadas, como no caso de muitas performances identitárias bissexuais. Como vimos no Capítulo 3, há uma tendência nas matrizes heteronormativa e homonormativa de apagar a bissexualidade, deslegitimando as performances identitárias bissexuais e tentando colocá-las em um dos extremos do binário heterossexual/homossexual. Como veremos nas narrativas das agentes nos Capítulos 5 e 6, as pessoas que se identificam como bissexuais não simplesmente (re)produzem suas identidades nas interações, devem negociar e até lutar discursivamente para que suas performances identitárias não sejam rejeitadas e apagadas.

Para estudar narrativas, como nota Catherine Riessman, “não há um único método de análise [...], mas uma gama de abordagens a textos que têm a forma de narrativas” (1993: 25). Neste trabalho, a minha aproximação à análise das narrativas se concentra sobre a construção identitária discursivo-performativa, seguindo a visão não-essencialista da Teoria *Queer*. De acordo com Fabrício e

Bastos, a identidade é “um fenômeno social e relacional que se estabelece diante do outro, em um jogo de semelhanças e diferenças em relação a esse outro” (2009: 46). Não me ocupo em verificar verdades presumidamente objetivas nas narrativas; procuro entender como as pessoas constroem as suas identidades narrativo-discursivamente (ver Riessman 1993).

Como esclarece Bastos,

Se compreendemos identidade como uma construção social, que envolve um processo dinâmico e situado de expor e interpretar quem somos, o relato de narrativas revela-se um lócus especialmente propício a essa exposição. Construimos quem somos sinalizando e interpretando tanto afiliações a categorias sociais (classe social, gênero, profissão, religião, etc.) e posições na hierarquia da interação (status e papéis), quanto atribuições de qualidades e qualificações de ordem mais pessoal [...]. Ao contar histórias, situamos os outros e a nós mesmos/[as] numa rede de relações sociais, crenças, valores; ou seja, ao contar histórias, estamos construindo identidade. (2005: 81)

Ao analisar as narrativas, é importante lembrar também da sua natureza situada em relação a outros discursos sociais, culturais e institucionais (ver Riessman 1993). Adicionalmente, nossas histórias “locais” estão ligadas a histórias e repertórios mais amplos. Por isso, embora uma narrativa trate de experiências individuais, as construções identitárias performadas nela estão posicionadas em relação a outras expectativas sócio-culturais (ver Benwell e Stokoe [2006] 2009). Nos Capítulos 5 e 6, veremos a situação interessante das narrativas nas quais as identidades bissexuais são construídas: a falta geral de visibilidade de performances identitárias bissexuais significa que não há um grande repertório mais amplo de narrativas nas quais tais identidades são construídas; porém, há grandes repertórios de construções identitárias homossexuais e de discursos sobre as expectativas sócio-culturais ligadas à heterossexualidade e à homossexualidade.

4.3.2 A estrutura das narrativas

Labov identifica seis partes estruturais das narrativas: resumo, orientações, ações complicadoras, avaliações, resolução e coda. O resumo se encontra ao início da narrativa, e sumariza a ideia geral dela. As orientações oferecem contextualizações para ajudar o/a ouvinte a entender e situar a narrativa. As ações complicadoras são sequências de ações que compõem a história. As avaliações oferecem a perspectiva do/a narrador/a sobre os eventos da narrativa. A resolução se encontra ao final da narrativa e sinaliza o resultado das ações complicadoras. Depois da resolução, às vezes há uma coda, uma parte opcional

que liga os acontecimentos passados da narrativa ao presente. Esses elementos não são necessariamente apresentados nessa ordem. Por exemplo, orientações e avaliações frequentemente são encontradas ao longo da narrativa. Adicionalmente, cada narrativa não contém necessariamente todos esses elementos. Segundo Labov, uma “narrativa mínima” é “uma sequência de duas proposições narrativas restritas, temporalmente ordenadas, de maneira que uma mudança em sua ordem resultará na mudança na sequência temporal da interpretação semântica original” (Labov 1972: 360); ou seja, só precisa de ações complicadoras com um início, meio e fim. Narrativas complexas, porém, tendem a ter alguma combinação dos elementos acima mencionados (ver Labov 1972; Fabrício e Bastos 2009), e narrativas “completamente desenvolvidas” contém todos (Labov 1972: 369; ver também Benwell e Stokoe [2006] 2009). É interessante observar também que às vezes a mesma frase pode ter uma função múltipla, por exemplo, uma elocução que serve simultaneamente de resolução e avaliação.

Na última década, os estudos discursivos das narrativas começaram a abandonar o interesse na identificação dos componentes estruturais das narrativas, preferindo se concentrar sobre o significado de contá-las e a maneira na qual as experiências relatadas são situadas sócio-culturalmente e nas interações (ver Oliveira e Bastos 2002). Porém, nesta pesquisa analisaremos também a forma estrutural das narrativas, porque, como observa Wood (1997), a forma contribui ao significado da narrativa; o significado não vem exclusivamente do conteúdo semântico (ver Wood 1997; Riessman 1993). Na próxima subseção, veremos como esses elementos e possibilidades estruturais contribuem para a criação do significado e construção identitária discursivo-performativa em narrativas sobre o processo de sair do armário.

4.3.3 Sair do armário

As narrativas sobre o tema de “sair do armário” são fontes ricas e complexas de construções identitárias discursivo-performativas. Para entender sua complexidade, é necessário fazer algumas considerações sobre o que significa “sair do armário”. Muitas pessoas entendem esta frase simplesmente como o momento de se assumir publicamente como homossexual ou bissexual. Porém, tal ideia esconde o fato de que sair do armário é um processo, não algo que se faz

uma vez só. Esse processo dura necessariamente toda a vida, em função da tendência na sociedade heteronormativa de presumir que uma pessoa seja heterossexual até ela se “revelar” (ou ser revelada) homossexual, bissexual, etc. Na matriz heteronormativa, a heterossexualidade é compulsória e não-marcada, então se pressupõe que as pessoas sejam “heterossexuais até provadas homossexuais” (ou bissexuais) ou “heterossexuais por *default*”, fora de contextos específicos, por exemplo um grupo LGBT ou um boate gay, onde as pessoas serão presumidas homossexuais até provadas heterossexuais ou bissexuais. Por causa dessa heterossexualidade presumida, até a pessoa mais abertamente “fora do armário” (pelas declarações que faz, pela estilização do corpo, etc.) se encontrará em algum momento “no armário” com alguém que não conhece, a quem ainda não revelou explicitamente sua identificação de sexualidade (ver Sedgwick 1990; Chambers 2009). Destarte, as pessoas que não se identificam como heterossexuais terão necessariamente um número infinito de histórias de sair do armário. Para as pessoas que se identificam como bissexuais e frequentam “contextos LGBT”, esse processo tem outro fator: a homossexualidade presumida e a necessidade de sair do armário como bissexuais. Assim, as pessoas identificando-se como bissexuais experimentam uma espécie de armário duplo de ambos lados do binário heterossexual/homossexual.

Como sair do armário não é algo que se faz uma única vez, ficar dentro do armário também não pode ser reduzido a um ato ou escolha singular (ver Chambers 2009). Como observa Liang,

os gays [sic] têm que se recriar continuamente através do ato de se nomear para assegurar que sejam ouvidos e entendidos como indivíduos que se definem como, e portanto são, gay. Ao mesmo tempo, enfrentam a dificuldade de ter que decidir em cada interação se se revelarem ou não. (1997: 292-293).

Por terem que decidir se assumir-se ou não em cada interação, sair do armário ou ficar dentro são processuais. A citação de Liang também mostra outro fato importante: sair do armário é performativo. São atos de fala que não somente descrevem a identidade homossexual, bissexual, heterossexual, etc., mas também criam tal identidade. Sedgwick (1990) observa que o estar no armário (“closetedness”) também é uma performance realizada através de atos de fala (mentiras, silêncios, omissões, etc.). Finalmente, é importante notar que não há uma oposição binária dentro/fora do armário. Para Morrish e Sauntson (2007), é uma questão de grau: algumas pessoas estão “mais fora” do que outras em

relação ao número de pessoas às quais o têm contado, à visibilidade por causa da estilização do corpo, etc. e tudo isso varia dependendo do contexto. Halperin desconstrói mais ainda a noção de poder ficar ou sair do armário: segundo ele, uma pessoa não pode realmente estar no armário porque não pode saber se está sendo tratada como heterossexual porque está conseguindo convencer as outras pessoas disso, ou porque estão fingindo não sabê-lo. Por isso, o armário é um lugar contraditório – não se pode realmente estar nem dentro, nem fora (ver Halperin 1995).

Refletindo esse processo complicado e infinito de se assumir, narrativas de sair do armário tendem a ser complexas. Como observa Wood, “As configurações das narrativas tendem a refletir a natureza ‘processual’ de sair do armário no mundo real” (1997: 258). Geralmente, as pessoas contam várias narrativas, não uma história só. Contam essas narrativas em cadeia, criando um padrão de iniciar e parar (“stopping and starting”) no qual contam a resolução de uma história e, ao resolvê-la ou contar uma coda, pensam em outra história e a vinculam à precedente. Como as configurações da narrativa refletem o fato do sair do armário ser um processo, o significado da narrativa vem do conteúdo semântico e da forma estrutural (ver Wood 1997).

Embora as narrativas sobre o processo de sair do armário se concentrem sobre a(s) identidade(s) que o/a falante performa, também estão repletas de outros elementos. Além de serem fontes ricas para a análise da construção discursivo-performativa das identidades, as narrativas sobre o processo de sair do armário são usadas para “negociar a inclusão social” (Fenge, et. al. 2010: 322) e articulam posições ideológicas e desvendam normas, preconceitos, relações de poder, sistemas de opressão de certas identidades, práticas sexuais, etc. (ver Morrish e Sauntson 2007). No Capítulo 5, examinaremos algumas dessas construções identitárias, negociações de inclusão e articulações ideológicas nas narrativas sobre o processo de sair do armário de três ativistas LGBT que se identificam como bissexuais.

4.4 O campo etnográfico: o Grupo Arco-Íris

O campo etnográfico é uma parte crucial desta pesquisa, dado que “somos, existimos, vivemos, agimos, aprendemos etc. em práticas situadas [...]. É indispensável, dessa forma, que os/[as] participantes do discurso sejam

investigados[as] em contextos específicos nos quais agem” (Moita Lopes 2009b: 13). Os dados desta pesquisa vêm de um campo etnográfico no Grupo Arco-Íris, um grupo de ativismo e conscientização LGBT do Rio de Janeiro, Brasil. Como foi mencionado anteriormente, a maioria das vozes sobre a bissexualidade vem do “Norte global” e os capítulos sobre o ativismo LGBT em particular se concentram sobre a situação sócio-política nos Estados Unidos da América. Com esta pesquisa, pretende-se preencher essa lacuna ao trazer vozes do “Sul global” com relação à bissexualidade, para reinventar a emancipação social indo além da teoria crítica, práxis social e política produzidas no Norte (ver Sousa Santos 2008; Fabrício 2006).

Uso o nome verdadeiro do Grupo Arco-Íris e dos subgrupos por duas razões. Primeiro, o uso para fomentar a visibilidade homo/bi/transsexual e o ativismo LGBT, complementando uma das missões do grupo. Segundo, uma particularidade de uma das minhas fontes impossibilita o anonimato: como veremos na seção 4.4.4, cito outra dissertação sobre o grupo, escrita por um de seus fundadores, intitulada *Visibilidade Gay, Cotidiano e Mídia: Grupo Arco-Íris*. Dado que o autor não usa um pseudônimo para se referir ao GAI, ao citar esta dissertação se torna impossível esconder o verdadeiro nome do grupo.

4.4.1 A geração de dados

Os dados são principalmente de natureza linguística e etnográfica, com dados complementares de natureza histórica, todos gerados principalmente dentro do prédio do Arco-Íris e durante atividades de ativismo a eles relacionados (participação em paradas como a Parada de Orgulho LGBT e a Caminhada da Visibilidade Lésbica, manifestações contra a homofobia, lesbofobia e/ou transfobia, etc.). Os de natureza linguística foram gerados através de gravações de entrevistas individuais semi-estruturadas com algumas das integrantes do grupo que se identificam como bissexuais. Os dados etnográficos têm a forma de observações sobre as interações entre os membros dos grupos, cuidadosamente escritas em um diário de campo e coletadas principalmente durante as discussões de grupo, mas também durante atividades de ativismo, conscientização, socialização, etc. dentro e fora do prédio do grupo. Os dados complementares de natureza histórica vêm de pesquisa de documentação de duas entrevistas de história oral sobre a evolução do grupo.

O trabalho de campo com o GAI teve seu início em março de 2010. No momento (janeiro de 2012), os dados principais englobam a gravação de três entrevistas individuais com ativistas que se identificam como mulheres bissexuais (“Olímpia”, “Nádia” e “Flávia”), contabilizando aproximadamente quatro horas e quinze minutos de gravação e vinte e dois meses de observações etnográficas obtidas nas reuniões semanais do subgrupo, conversas informais no prédio do GAI antes e depois das reuniões, atividades de ativismo fora do prédio (por exemplo, a Marcha Contra a Homofobia em Ipanema) e durante alguns encontros sociais fora do prédio depois das reuniões (em bares e restaurantes no mesmo bairro). Adicionalmente, como dados complementares de contextualização histórica, foram realizadas duas entrevistas individuais de história oral com indivíduos com cargos importantes⁵ no grupo (“Mônica” e “João”) e uma pesquisa de documentação sobre a história do grupo, para melhor entender e contextualizar seu desenvolvimento. Finalmente, foram gravadas algumas interações em grupo sobre o tema da bissexualidade que farão parte das observações etnográficas, mas não serão analisadas aqui para privilegiar as construções identitárias nas narrativas contadas por Olímpia, Flávia e Nádia.

4.4.2 A caracterização do Grupo Arco-Íris

O Grupo Arco-Íris de Cidadania LGBT é uma organização não governamental fundada em 1993 que tem como missão a promoção de auto-estima, cidadania e visibilidade LGBT, oferecendo várias atividades de ativismo, estudo, aconselhamento jurídico, informações sobre saúde e prevenção de doenças sexualmente transmitidas (DSTs) e apoio psicológico. O GAI se encontra em um prédio no centro da cidade que contém várias salas para reuniões, confraternização e tarefas administrativas, um laboratório de computadores, uma cozinha e uma pequena biblioteca de livros e artigos sobre temas LGBT (sendo reconstituída atualmente por causa de infiltrações durante um período de chuvas fortes em dezembro de 2011 no qual muitos materiais foram danificados). Os membros do grupo têm várias idades (de adolescentes a aposentados), classes sócio-econômicas, etnias, religiões, etc. Com relação à

⁵ Visto que eu uso o verdadeiro nome do Grupo Arco-Íris nesta pesquisa, para manter a privacidade das pessoas entrevistadas não ofereço muitas informações sobre seus cargos específicos dentro do GAI.

classe social, durante as entrevistas de contextualização histórica, um agente observou que na época da fundação do grupo, a maioria era de classe média, embora hoje o grupo tenha mais integrantes da classe média-baixa.

Existem vários subgrupos dentro do GAI, incluindo um grupo de lésbicas e mulheres bissexuais (Laços e Acasos, que será descrito mais detalhadamente na próxima seção) que se reúne para discutir temas relevantes para as mulheres e informar essas mulheres sobre a saúde sexual feminina, um grupo de gays e jovens bissexuais (Entre Garotos) que faz atividades parecidas voltadas aos homens e um grupo que discute temas de gênero na sociedade (o Núcleo de Gênero). Geralmente as pessoas envolvidas no GAI vão a reuniões organizadas semanal ou quinzenalmente por esses sub-grupos, mas é possível ir à sede em outros horários para procurar informações ou ajuda, usar as instalações e socializar, visto que a instituição está aberta da manhã à noite de segunda a sexta e com funcionários à disposição.

4.4.3 A caracterização do subgrupo Laços e Acasos

O subgrupo Laços e Acasos, do qual participam as três agentes entrevistadas, foi fundado em 2008. É um projeto que visa a promover a qualidade de vida, autoestima, saúde, cidadania e direitos humanos das mulheres que se identificam como lésbicas e bissexuais. A “espinha dorsal” do grupo são suas coordenadoras e um grupo de jovens “multiplicadoras”. As multiplicadoras são jovens que receberam uma formação no Grupo Arco-Íris concentrando-se sobre a saúde sexual e prevenção das DSTs entre mulheres e fazem intervenções de prevenção em boates, manifestações, etc. com o objetivo de fornecer informações que combatem a ideia popular que mulheres que fazem sexo com mulheres não podem contrair doenças. As multiplicadoras também planejam encontros no prédio do GAI que são abertos ao público, como o “Café com Bolacha”, um grupo de discussão, e o “Cinelés”, a projeção de filmes sobre lésbicas.

O Café com Bolacha é um encontro quinzenal que funciona como um grupo de discussão liderada pelas multiplicadoras, com o tema principal da semana escolhido por elas. Os temas recentes têm variado da lesbofobia ao racismo, violência, DSTs, sadomasoquismo, uso de brinquedos sexuais, pompoarismo, alcoolismo, tabagismo, a experiência de ser mãe lésbica, etc.,

tentando alcançar uma gama de interesses e questões diferentes. Geralmente participam do grupo entre dez e vinte e cinco mulheres que se identificam como lésbicas e bissexuais, contando as multiplicadoras e coordenadoras. A maioria são biomulheres⁶, mas às vezes mulheres transexuais também participam. Embora nas discussões várias integrantes do grupo tenham expressado certos receios e preconceitos sobre a ideia de ter uma relação sexual com uma mulher transexual lésbica, não tenho notado pessoas abertamente contrárias à participação das mulheres transexuais. De vez em quando assiste algum homem (que geralmente se identifica como gay) interessado no tema a ser discutido; porém, as coordenadoras e multiplicadoras geralmente tentam manter o espaço do Café com Bolacha para pessoas que se identificam como mulheres. Tenho notado que quando participa um homem que regularmente faz atividades no GAI, a dinâmica do grupo muda pouco; porém, quando participa um homem desconhecido, a dinâmica se esfria, com as mulheres contando menos narrativas pessoais durante as discussões. Com relação à participação das mulheres que se identificam como bissexuais, são bem-vindas no grupo pelas coordenadoras e multiplicadoras, e não tenho observado outras participantes identificando-se como lésbicas dizendo que as mulheres que se identificam como bissexuais não deveriam poder participar das reuniões. Porém, nas suas performances discursivas as mulheres que se identificam como lésbicas muitas vezes expressam receios e preconceitos contra as pessoas que se identificam como bissexuais e até recentemente, poucas mulheres se rotularam como bissexuais nos encontros. Os preconceitos que surgem no discurso e as mudanças na participação das mulheres identificando-se como bissexuais serão discutidos na seção 4.4.5, depois da discussão das raízes da exclusão de certas performances identitárias no GAI.

4.4.4 O passado no presente: as raízes da exclusão de certas performances identitárias

Clifford assevera que “a perspectiva de uma etnografia historicamente informada é indispensável para uma compreensão comparativa das políticas das identidades” (2000: 103). Como parte do campo etnográfico desta pesquisa, foi imprescindível examinar a contextualização histórica do Grupo Arco-Íris e da

⁶ “Biomulher” é um termo usado para identificar pessoas que nasceram do sexo feminino, mas não indica sua identidade de gênero ou seu sexo atual (no caso de uma pessoa transexual que fez as cirurgias para mudar de sexo).

formação da sua identidade coletiva para compreender a situação atual e como abrir novos espaços para as performances identitárias bissexuais dentro do grupo no futuro. Vamos discutir brevemente alguns temas levantados na dissertação de um dos fundadores do GAI, Augusto José de Abreu Andrade, intitulada *Visibilidade Gay, Cotidiano e Mídia: Grupo Arco-Íris – Consolidação de Uma Estratégia. Um Estudo de Caso*. Na dissertação, defendida em 2002 no campo da Comunicação, Andrade examina a luta simbólica dos/as participantes do GAI nos primeiros anos da sua atuação para a visibilidade, os direitos civis e a conscientização sobre o AIDS, e contra a homofobia, os discursos conservadores, as representações negativas das pessoas homossexuais como pecadores/as, desviados/as, doentes, etc. A dissertação tem um estilo de escrita particular porque Andrade, sendo um dos fundadores do GAI e o presidente durante vários anos, inclui grandes seções de narrativas escritas nas quais conta suas próprias lembranças, opiniões e emoções com relação ao grupo. A seguir, apresentarei uma brevíssima explicação, baseada na dissertação de Andrade, do desenvolvimento da identidade coletiva do GAI e dos mecanismos que tendiam a excluir certas performances identitárias; estas informações são importantes para contextualizar sócio-historicamente o GAI antes de analisar as narrativas das entrevistadas.

Andrade (2002) explica que na época da fundação do Grupo Arco-Íris, ele e os outros fundadores reconheciam que o grupo era composto de pessoas performando identidades múltiplas e diferentes, porém, decidiram que era mister criar uma identidade coletiva concentrando-se sobre as semelhanças e deixando de lado as diferenças. Parecido ao que aconteceu com muitos grupos de “liberação gay” nos Estados Unidos da América nos anos 1970 (ver Capítulo 2), essa decisão levou ao afastamento das mulheres que se identificavam como lésbicas durante os primeiros seis ou sete anos de atuação do grupo porque sentiam que suas preocupações não estavam sendo reconhecidas. Embora Andrade observe que “A proposta do grupo sempre foi a de um grupo misto” (2002: 29), para caracterizar a situação na época da fundação do grupo explica,

Em 1993, no GAI, à exceção das lideranças, os participantes não reconheciam a necessidade de problematizar a condição social das mulheres como diferente da dos homens. O adversário comum era a norma, a norma heterossexual. Não havia um espaço de discussão para assuntos das “mulheres”. Até mesmo a identidade “lésbica” ou outra que fosse afeta às mulheres estava subsumida na identidade gay. (2002: 30)

Na criação da identidade coletiva do GAI, foram ignoradas as diferenças entre certos assuntos que afetavam diferentes performances identitárias de gênero e intentou-se enfatizar o fio comum da homossexualidade. Deste modo, além de provocar o afastamento das mulheres, foi criada uma oposição entre homossexualidade (masculina) e heterossexualidade, reforçando o binário homossexual/heterossexual e excluindo a bissexualidade e a diversidade sexual. Isso é um exemplo de como “a epistemologia dominante lésbica e gay [...] tem sido estruturada não somente para excluir a bissexualidade, senão também para solidificar a díade heterossexual/homossexual” (Eadie [1993] 1999: 124, ver também Louro 2004).

Apesar desses problemas com o afastamento das mulheres, Andrade e os outros membros do GAI decidiram que a melhor maneira para lutar contra as representações negativas da homossexualidade era de empregar uma estratégia de visibilidade que fortalecesse uma imagem específica dos homens homossexuais: a “representação do gay sério” (Andrade 2002: 96) como um “cidadão comum” (*ibid* 103). Esta representação enfatizava as características seguintes:

A “identidade gay ativista” que o grupo assume como estratégia consciente vem daí, da idéia de se expor predominantemente uma imagem de gay do gênero masculino, bem sucedido, empreendedor, trabalhador, com profissão comum (bancário, professor, desenhista), com bom nível de instrução, com uma relação afetiva estável (se possível um casal) e um cidadão preocupado com seus direitos e com o respeito [à] pluralidade das identidades individuais, ou seja, tudo que era contrário ao padrão que se tinha como hegemônico, exposto anteriormente como padrão heteronormativo homofóbico. (Andrade 2002: 108)

A projeção intencional de uma identidade que não representava as variadas performances identitárias individuais de todos os homens do grupo foi uma estratégia escolhida conscientemente, um “mal necessário” para estabelecer uma frente consolidada contra as imagens negativas e para abrir espaços de visibilidade favoráveis. Porém, Andrade (2002) observa que vários se sentiam excluídos porque suas outras performances identitárias individuais e sociais não foram tomadas em consideração. Adicionalmente, a ênfase sobre a performance identitária do “gay sério” também levou ao problema de outras performances identitárias, como homens gays “afeminados” ou travestis, serem estigmatizadas dentro do grupo porque eram diferentes do novo padrão desejado. Desta maneira, nesses acontecimentos passados vemos o embrião da exclusão de diversas performances identitárias e do reforço do binário heterossexual/homossexual que

pode estar nas raízes dos problemas de aceitação da bissexualidade dentro do grupo hoje em dia.

4.4.5 O B em LGBT no Grupo Arco-Íris na atualidade

Hoje em dia, o Grupo Arco-Íris tem melhorado bastante o problema da falta de participação de mulheres, em parte graças a um subgrupo chamado Laços e Acasos que se concentra sobre temas de sexualidade e saúde. Adicionalmente, o grupo tem se distanciado da insistência unicamente na representação do “gay sério”, e participam homens e mulheres identificando-se como homossexuais com as mais variadas performances identitárias. Há ainda, porém, pouca participação de pessoas identificando-se como transexuais ou travestis⁷. Em relação à bissexualidade, nos últimos anos o GAI tem realizado alguns esforços para incluir as pessoas identificando-se como bissexuais, por exemplo, o Laços e Acasos se diz um grupo para “lésbicas e mulheres bissexuais”⁸ e o subgrupo Entre Garotos convida a participação de “jovens gays e bissexuais”⁹. Vários/as líderes do grupo, particularmente “Mônica” e “João”, que foram entrevistados/as para a contextualização histórica, também se mostram muito disponíveis para fomentar a inclusão de mais ativistas identificando-se como bissexuais e para combater os preconceitos que tais ativistas frequentemente sofrem.

Porém, as identidades bissexuais e outras manifestações da diversidade sexual continuam a sofrer os efeitos negativos de preconceitos e exclusões. Tenho notado múltiplos episódios de policiamento de qualquer performance bissexual, seja quando essa performance é na forma de se identificar verbalmente com o rótulo bissexual, seja quando é na forma de mencionar realizar “práticas bissexuais” ou sentir “desejos bissexuais”. Por exemplo, um jovem que se identifica como gay mencionou sentir atração de vez em quando por mulheres durante um encontro misto de Entre Garotos e Laços e Acasos e várias pessoas o criticaram por ter expressado um desejo “não exclusivamente homossexual”. Tais policiamentos criam pressão para os membros do GAI se encaixarem totalmente no lado homossexual do binário heterossexual/homossexual.

⁷ As pessoas transexuais e travestis tendem a participar mais de grupos e ONGs dedicados especificamente à transexualidade e à travestilidade, como o Astra Rio.

⁸ ver <http://www.arco-iris.org.br/lacoseacasos/home/>

⁹ ver <http://www.arco-iris.org.br/entre-garotos/>

Adicionalmente, tais problemas de discriminação tendem a não ser reconhecidos. João, um ativista do GAI que se identifica como gay, oferece sua visão das discriminações que sofrem as pessoas que se identificam como bissexuais.

0423	João	/.../ a bissexualidade, >quando ela vai sofrer um preconceito?=-É quando ela tá< exerce::ndo (.) um um uma:: determinada orientação sexual, <que é a> >que é vista como< pervertida, doente, na na: na cultura brasileira.
0424		
0425		
0426		
0427	Eli	Sim
0428	João	Então, um bissexual, que tá tendo uma relação homossexual, ele vai sofrer preconceito por isso.
0429		

Embora João apóie a participação das pessoas que se declaram bissexuais no GAI e nos movimentos LGBT, a visão da bissexualidade que expressa aqui reforça o binário homossexual/heterossexual. Ao dizer que a bissexualidade sofre discriminações quando está “exercendo” uma “determinada orientação sexual” que é vista como “pervertida” ou “doente” na cultura brasileira, presumivelmente a homossexualidade, João reforça a ideia da bissexualidade como uma combinação da homossexualidade e heterossexualidade e parece esquecer que as pessoas que se declaram bissexuais podem sofrer preconceitos sempre, independentemente de com quem estiverem se relacionando sexual e/ou afetivamente.

Em uma pesquisa realizada pelo Grupo Arco-Íris em parceria com o Centro de Estudos de Segurança e Cidadania e o Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos, chamada *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade. Pesquisa 9ª Parada do Orgulho GLBT – Rio 2004*, aparece outra visão da bissexualidade que reforça o binário heterossexual/homossexual. Em uma seção intitulada “Bissexualidade: Fenômeno Jovem”, os/as autores/as observam uma “variação significativa [nas faixas etárias] quanto à bissexualidade. Homens e mulheres que se declaram ‘bissexuais’ continuam a se concentrar entre os mais jovens” e oferecem umas estatísticas sobre o número de pessoas que se declaram bissexuais (Carrara e Ramos 2005: 37). Logo a seguir, os/as autores/as notam

Não podemos assegurar se essa concentração de “bissexuais” entre os mais jovens é efeito de processos relacionados ao ciclo de vida, já que nessa faixa etária as identidades poderiam não estar ainda claramente estabelecidas, ou se estamos vendo firmarem-se nestas gerações novas formas de identidades sexuais. (Carrara e Ramos 2005: 37)

À primeira vista, essa passagem parece reconhecer a fluidez das identidades, dizendo que podem mudar com o decorrer do tempo. Porém, sugere que com o

passar dos anos as identidades se solidificam, reforçando uma visão essencialista da identidade. Destarte, sugere que a bissexualidade é só uma fase e que a “verdadeira” identidade (homossexual ou heterossexual) se revelará mais tarde na vida. Embora reconheça outra possibilidade com uma conceptualização mais legitimizante da bissexualidade, em que os/as jovens expressam “novas formas de identidades sexuais”, este conceito ignora o fato de as práticas bissexuais existirem durante toda a história dos seres humanos e que as performances identitárias e políticas bissexuais tampouco eram novas quando a pesquisa foi realizada (ver seção 2.2.5).

Quando comecei a fazer o campo etnográfico no Grupo Arco-Íris há aproximadamente dois anos, tinha somente uma participante do subgrupo Laços e Acasos que se assumia como bissexual¹⁰: a agente “Olímpia”. Depois de um ano, outra participante, “Nádia”, começou a participar e se assumir como bissexual e depois de 18 meses uma terceira, “Flávia”, que antes usava o rótulo de lésbica, começou a se rotular como bissexual. Depois das entrevistas com essas três mulheres, “Nádia”, “Flávia” e eu começamos a falar da possibilidade de realizar um Café com Bolacha sobre a bissexualidade. Interessantemente, durante essa reunião, várias mulheres que antes tinham participado dos encontros sem falarem diretamente de como se identificam em relação à sexualidade, também se rotularam como bissexuais. Isso sugere que se sentiam mais cômodas se assumindo como bissexuais na presença de outras mulheres que também se identificavam assim, e que pessoas que se identificam como bissexuais frequentemente não assumem publicamente esse rótulo por medo de não serem aceitas dentro do GAI.

4.5 As entrevistas narrativas

As três entrevistas principais eram semi-estruturadas e foram gravadas em áudio e depois transcritas. Depois de explicar a pesquisa e o compromisso ético e pedir permissão para gravar, comecei as entrevistas pedindo para as agentes me contarem suas histórias sobre o processo de sair do armário. Essa tática é útil em entrevistas tratando-se de temas de gênero e sexualidade com pessoas que se

¹⁰ Falo aqui de “se assumir como bissexual” no sentido de usar publicamente o rótulo “bissexual” na frente do grupo, lembrando sempre que a bissexualidade é uma construção sócio-histórico-cultural e que “se assumir bissexual” significa fazer uma performance identitária, não expressar alguma essência.

identificam como homossexuais ou bissexuais para “quebrar o gelo”. Essa técnica também é de importância fundamental para esta pesquisa como uma fonte rica de narrativas e construções identitárias performativo-discursivas. Além dessa pergunta inicial, eu tinha preparado perguntas sobre como a participação no Grupo Arco-Íris tinha influenciado as vidas das agentes e sobre experiências de discriminação ou aceitação das suas performances identitárias bissexuais; porém, narrativas sobre esses temas frequentemente surgiram sem solicitação minha. Preparei poucas perguntas, preferindo dar às agentes a máxima liberdade para responder e depois examinar quais temas elas tinham levantado nas suas narrativas. Como foi mencionado ao início deste capítulo, como parte do compromisso ético desta pesquisa foi importante escutar deste modo, deixando as agentes contarem o que era importante para elas e, em relação aos problemas de discriminação no GAI, o que é necessário mudar na opinião delas. Porém, quando as agentes ficavam muito tempo falando em termos gerais sobre suas experiências e opiniões, eu tentava encorajá-las a contarem narrativas sobre experiências mais específicas e com mais detalhes. Adicionalmente, às vezes contei histórias pessoais da minha própria vida para criar um vínculo de experiências compartilhadas e uma relação entrevistadora-entrevistada menos assimétrica. É interessante notar que não conhecia muito bem as três agentes antes de realizar as entrevistas; porém, desde a experiência de fazer as entrevistas e compartilhar nossas histórias de vida, tenho desenvolvido relações de amizade mais fortes com as três. Esperava também que as minhas histórias servissem como “fontes de inspiração” para elas contarem narrativas sobre experiências parecidas ou diferentes das suas vidas. Uma dessas táticas para criar “uma situação que encoraje e estimule um entrevistado[a] [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” é costume na metodologia das entrevistas narrativas (Jovchelovitch e Bauer 2002: 93).

Contudo, geralmente me comportava no papel de ouvinte atenta durante as entrevistas, como é comum na metodologia vinculada à Análise das Narrativas (ver Riessman 1993; Lawler 2002). Apesar disso, é importante lembrar que toda narrativa é sempre co-construída e cada construção performativo-discursivo-identitária é sempre intersubjetiva, mesmo quando o/a entrevistador/a deixa bastante espaço para o/a entrevistado/a falar e participa “pouco” (pelo menos em relação à quantidade e/ou duração dos turnos).

Em relação aos nomes das agentes entrevistadas, duas das três me deram a permissão de usar seus verdadeiros nomes; porém, decidi mudá-los. Isso é em parte por causa das tensões dentro do movimento nacional LGBT brasileiro em relação à participação de pessoas identificando-se como bissexuais e vulnerabilidade social e/ou política que o uso do nome verdadeiro do grupo (ver explicação na seção 4.2.1) e dos nomes verdadeiros das agentes pudesse provocar-lhes.

Concentrei-me sobre mulheres por duas razões: primeiro, porque várias atividades no Grupo Arco-Íris (como a participação do subgrupo Laços e Acasos) são divididas por gênero, então, como mulher, conseguia fazer mais observações etnográficas sobre as mulheres, e segundo, porque não encontrei homens no GAI que se identificassem como bissexuais (ver seção 1.1, nota de rodapé 1). Finalmente, é importante notar que uma coisa que as três agentes têm em comum, além de se identificarem como mulheres bissexuais e de participarem do Grupo Arco-Íris, é a idade: são jovens mulheres que tinham 17, 21 e 31 anos na época das suas respectivas entrevistas. Como vimos na subseção anterior, a juventude é frequentemente usada para deslegitimar a bissexualidade, dizendo que é “só uma fase”. Nos próximos capítulos, veremos como as três agentes reagem a essa ideia. Aqui, o que quero frisar ao falar da idade é que, à diferença dos/as ativistas mais velhos/as, essas três ativistas são de gerações que cresceram no meio de um aumento de visibilidade e ativismo GLS/LGBT, o que pode influenciar suas construções identitárias. A seguir, vamos considerar cada agente e o contexto de cada entrevista separadamente.

4.5.1 Olímpia

Olímpia é uma jovem brasileira do Rio de Janeiro que tinha 17 anos no momento da entrevista e que se identifica como bissexual. Como todos os nomes de agentes nesta pesquisa, o apelido é fictício para garantir o anonimato da entrevistada; porém, o nome “Olímpia” foi escolhido para refletir o fato que ela tem um nome que sugere força, de origem estrangeira, pouco comum no Brasil. Como todas as agentes entrevistadas, Olímpia faz parte do Grupo Arco-Íris e participa de dois subgrupos dentro da associação: o Laços e Acasos e o Núcleo de Gênero. Sua participação nos encontros dos grupos não é assídua; porém, participa frequentemente com o grupo nas atividades de ativismo e sociais fora da

sede. Olímpia fala frequentemente das suas experiências com a associação durante a entrevista, sem solicitação minha.

Seguindo a Hutchins e Kaahumanu (1991), ao fomentar a visibilidade, inclusão e aceitação das identidades bissexuais dentro dos movimentos LGBT, é importante não esquecermos das diferenças identitárias de cada pessoa, incluindo todas as dinâmicas de raça e classe que também impactam e afetam nossas identidades sexuais. Como notamos na discussão sobre interseccionalidade no Capítulo 3, essas diferenças não são simplesmente trajetórias identitárias que se sobrepõem; são “sistemas de significação e compreensão que formativa e inerentemente se definem” (Barnard 2004: 2). Deste modo, embora na sua construção identitária Olímpia não fale explicitamente em ser Afro-descendente, vale a pena mencionar que ela me contou que seus pais foram militantes no movimento de consciência negra e que o ativismo deles transmitiu uma predisposição a ser ativista nela. Os pais, porém, são religiosos e tem dificuldades de aceitar a bissexualidade da filha. Olímpia não fala explicitamente tampouco da classe social à qual pertence sua família; porém, fala em frequentar um colégio privado, então se pode pressupor que ela é da classe média. A estilização do corpo na performance de gênero que ela faz é bem flexível, frequentemente usando roupas associadas ideologicamente com a masculinidade, às vezes se estilizando de um modo ideologicamente associado com a feminilidade e às vezes criando um estilo híbrido misto.

Os dados foram gerados no dia 29 de outubro 2010, no meu apartamento (o lugar foi selecionado porque é silencioso e perto da sede do Arco-Íris e da casa de Olímpia), em uma entrevista individual em tom informal que durou uma hora e 36 minutos. Comecei a entrevista pedindo para Olímpia me contar a sua história sobre o processo de sair do armário. Além disso, os outros temas principais que surgiram foram como sua participação no GAI tinha influenciado sua vida, suas experiências de vida como uma jovem que se identifica como bissexual, a (falta de) aceitação da sua performance identitária bissexual da parte dos/as amigos/as que se identificam como heterossexuais ou homossexuais, sua identidade de gênero, e seu colégio. É importante notar a importância do âmbito no colégio, um lugar onde as performances identitárias não-heteronormativas geralmente eram bem acolhidas (Olímpia, brincando, o caracteriza como “uma sede do Arco-Íris”, transcrição linha 363).

O estilo de comunicação de Olímpia durante a entrevista, assim como durante as reuniões e atividades sociais e de ativismo do GAI, foi de alto-envolvimento (ver Tannen [1990] 2010), direta, sem hesitações, e bem teatral, particularmente quando ela imita a fala de outras pessoas. É importante notar também que apesar da sua pouca idade, ela tem uma forte confiança em si, é bastante fluente nos códigos que produzem sua performance de bissexual, e parece muito confortável com sua performance identitária e o fato de não se classificar nas categorias binárias heterossexual/homossexual. Em relação a minha relação com a agente, tínhamos nos encontrado algumas vezes nas atividades do GAI; porém, não nos conhecíamos muito quando a entrevista foi realizada.

4.5.2 Nádia

Nádia é uma jovem mulher brasileira do Rio de Janeiro que se identifica como bissexual e que tinha 21 anos quando a entrevista foi realizada. Ela também faz parte do Grupo Arco-Íris e é uma das multiplicadoras do Laços e Acasos, participando assiduamente de todas as reuniões e atividades desde quando começou a ser multiplicadora em 2011. Durante a entrevista, explica que sua mãe é evangélica e muito religiosa. Não fala explicitamente da sua performance identitária de raça nem da classe social à qual pertence sua família; porém, se pode pressupor que é da classe média porque frequentou o mesmo colégio privado que Olímpia. A estilização do corpo na sua performance de gênero é ideologicamente associada à feminilidade.

Nádia teve um filho aos treze anos, um tema que ela mencionou brevemente durante a entrevista, mas sobre o qual falou mais aprofundadamente várias vezes em outras ocasiões. No momento da entrevista fazia aproximadamente dois anos que está em uma relação com outra multiplicadora do Laços e Acasos, Alícia, que se identifica como lésbica.

Os dados foram gerados no dia 9 de setembro de 2011, no prédio do GAI. A entrevista, de tom informal, durou uma hora e 26 minutos. Durante os primeiros 55 minutos foi individual, mas nos últimos 31 minutos participou também um jovem do Entre Garotos, Patrício, que se identifica como gay. Comecei a entrevista pedindo para Nádia me contar a sua história sobre o processo de sair do armário. Ao contar essa história Nádia se concentra sobre sua

relação com a sua parceira, Alcía. Além disso, os outros temas principais que surgiram durante a entrevista foram a importância do ativismo LGBT e feminista na sua vida, particularmente a militância pro-bissexual, os problemas de estereótipos, invisibilidade, preconceitos e discriminações que enfrentam os/as ativistas que se identificam como bissexuais e o que se poderia fazer para combater esses problemas dentro do Grupo Arco-Íris.

O estilo de comunicação de Nádia durante a entrevista, assim como durante as reuniões e atividades sociais e de ativismo do GAI, foi de alto-envolvimento (ver Tannen [1990] 2010). No que concerne minha relação com Nádia, tínhamos nos encontrado algumas vezes nas atividades do GAI e falado sobre bissexualidade algumas vezes juntas com Flávia; porém, não nos conhecíamos há muito tempo quando a entrevista foi realizada.

4.5.3 Flávia

Flávia é uma mulher brasileira do Rio de Janeiro que tinha 31 anos quando a entrevista foi realizada. Ela também faz parte do Grupo Arco-Íris e é uma das voluntárias e multiplicadoras do Laços e Acasos, participando assiduamente de todas as reuniões e atividades sociais e de ativismo desde quando comecei o campo etnográfico em 2010. É uma mulher branca, provavelmente de classe média-baixa (pressuponho, por causa de várias histórias sobre suas dificuldades financeiras que me tem contado fora da entrevista), embora não mencione esses aspectos em sua construção identitária durante a entrevista. Na entrevista, menciona explicitamente que os membros da sua família são Testemunhas de Jeová, que foi criada com esta doutrina religiosa e que por causa disso tem sido difícil para a sua família aceitar sua identidade sexual. Ela descreve a estilização do corpo na sua performance de gênero como “feminina”. Durante a entrevista, menciona algumas vezes a sua performance identitária de mulher, frisando a intersecção entre as identidades de mulher, mãe, trabalhadora, estudante e ativista.

Flávia foi casada duas vezes com homens e tem dois filhos. O segundo casamento terminou quando Flávia se apaixonou por uma mulher, Dani, que se identifica como lésbica e também é voluntária no Laços e Acasos e no GAI. As duas fizeram o contrato de união estável no cartório e estiveram casadas durante seis anos; durante esse tempo, Flávia se rotulava como lésbica. Separaram-se

alguns meses antes da entrevista e depois da separação Flávia começou a se rotular¹¹ como bissexual, dizendo que não o fazia antes em parte para promover a visibilidade lésbica e em parte para não causar problemas com sua parceira, que não teria aceitado a identificação como bissexual.

Os dados foram gerados no dia 9 de setembro de 2011, no prédio do GAI, em uma entrevista individual de tom informal que durou uma hora e quinze minutos. Comecei a entrevista pedindo para Flávia me contar a sua história sobre sair do armário. Como Nádia, ao contar essa história Flávia se concentra sobre sua relação com a sua parceira, Dani. Além disso, os outros temas principais que surgiram durante o resto da entrevista foram outras relações com mulheres e homens, a invisibilidade das pessoas que se identificam como bissexuais no movimento LGBT e os problemas de estereótipos, preconceitos e discriminações que enfrentam nesse âmbito, a sua relação com sua filha, a possibilidade de discutir a bissexualidade nas reuniões do Grupo Arco-Íris, um projeto de Teatro do Oprimido no GAI do qual ela participa, e como ela começou a participar do GAI e a sua influência na sua vida.

O estilo de comunicação de Flávia, durante a entrevista, foi um pouco tímido ao início, mas se soltou ao longo da entrevista, particularmente quando falamos das nossas experiências em comum. Conhecíamos-nos superficialmente desde o início do campo etnográfico, mas começamos a aprofundar a amizade pouco antes de realizar a entrevista, durante umas discussões com Nádia sobre bissexualidade.

4.6 Considerações finais: tecendo a trama híbrida transdisciplinar desta pesquisa

A aproximação transdisciplinar desta pesquisa imbrica os campos de Linguística Aplicada, Linguística *Queer* e Antropologia, usando as abordagens da Teoria *Queer* (ver seção 3.1), das Epistemologias Bissexuais (ver seção 3.3) e da Análise das Narrativas, o arcabouço teórico-analítico das Táticas de Intersubjetividade, e uma etnografia que incorpora contextualizações históricas. De extrema importância é o intercâmbio ético entre teoria e prática, com o

¹¹ Uso o verbo “rotular” em vez de dizer “se identificar como” para frisar a mudança de categorização em público. Embora a mudança de rótulo dê a impressão de “pular” de uma performance identitária a outra, como veremos nos Capítulos 5 e 6, Flávia constrói uma sobreposição em se identificar como lésbica e se identificar como bissexual.

objetivo de propor ações políticas para desenrijecer o binário heterossexual/homossexual e criar espaços para as performances identitárias bissexuais e a diversidade sexual em geral dentro do movimento LGBT, dialogando e desenvolvendo a pesquisa *com* as agentes entrevistadas. Esse compromisso ético está relacionado também ao “apelo a aprender com o Sul” de Sousa Santos, que significa “o objetivo de reinventar a emancipação social indo mais além da teoria crítica produzida no Norte e da práxis social e política que ela subscrevera” (2008: 17). A hibridização teórico-metodológica e os compromissos éticos desta pesquisa nos ajudarão a não propagar padrões e lógicas velhos, limitadores/limitantes, hierarquizados e ocidentais enquanto analisamos as narrativas de sair do armário (ver Capítulo 5) e os depoimentos sobre preconceitos e discriminações (ver Capítulo 6) das agentes. A hibridização nos ajudará também a não propagar esses padrões e lógicas enquanto, levando os frutos desta análise de volta às agentes, dialogamos sobre como mudar a situação da marginalização das performances identitárias bissexuais no Grupo Arco-Íris.